TEMPOS DE CRISE: A Ditadura Militar na Amazônia, História e Ficção no Romance *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum[1]

Elma Tormes Fortes[2]
Edimildo Barroso[3]

RESUMO

Este trabalho desenvolveu um estudo da obra *Cinzas do Norte* (2005) de Milton Hatoum, mostrando a influência que o contexto exerce sobre o texto. Mostra também como o período da ditadura militar atingiu a Amazônia, representado no romance de Hatoum. A pesquisa é de cunho bibliográfico-analítico, direcionada para o campo dos estudos culturais e literários, com ênfase nas questões sociais, históricas e políticas que se fazem representar na obra literária *Cinzas do Norte*. Tomamos como embasamento alguns teóricos, para auxiliar na compreensão dos fatos envolvidos no romance e sua ligação com o contexto histórico-político. Por meio da pesquisa percebeu-se que os militares ocupavam cargos importantes no poder estatal, que refletia diretamente na vida das principais personagens. O período da ditadura militar no Brasil, foi tenebroso, punições e violência eram praticadas pelo Estado. Cassações de mandatos de parlamentares e a suspensão dos direitos políticos, eram exercidos contra todos os que se opunham à ideologia estatal. Essas representações são transferidas para o romance através dos líderes políticos, por meio da escola e da figura paterna. O autoritarismo patriarcal manifestado na narrativa, se desencadeia por meio da oposição do filho aos desejos do pai, culminando em rebeldia e consequentemente em constantes castigos e violência. Todos esses fatos conduziram as personagens principais à desestruturação familiar, financeira e pessoal, tendo um desfecho trágico. O ambiente na ficção, assim como na vida real, exerce papel importante no comportamento das personagens, servindo como pano-de-fundo, e convém para o desenrolar da ação e a vivência das criaturas ficcionais. Dessa forma, convergindo para o desencadeamento das atitudes e do desfecho de cada um, marcado pela ruína, pela decadência e pela solidão.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura; Militares; Violência; Repressão; Rebeldia; Arte

ABSTRACT

This work aims to develop a study of the work *Ashes of the Amazon* (2005) of Milton Hatoum, showing the influence that the context exerts on the text. Showing to how the period of the military dictatorship reached the Amazon, represented by Hatoum's novel. The research is of a bibliographic-analytical character, directed to the field of cultural and literary studies, with emphasis on the socials, historicals and politicals questions that are represented in the literary work *Ashes of the Amazon* . Based on some theorists, to help in understanding the facts involved in the novel and its connection with the historical-political context. Through the research it was noticed that the military occupied important positions in state power, that interfered directly in the lives of the main characters. The period of the military dictatorship in Brazil was murky, punishments and violence were practiced by the State. Appeals of parliamentary mandates and suspension of political rights were exercised against all who opposed their ideology. These reflexes are transferred to the novel through the political leaders, through the school and the paternal figure. The patriarchal authoritarianism manifested in the narrative is triggered by the opposition of the son to the wishes of the father, culminating in rebellion and consequently in constant punishment and violence. All these facts led the main characters, to the family, financial and personal disintegration, having a tragic outcome. The environment in fiction as well as in real life plays an important role in the behavior of the characters, serving as a backdrop, and suitable for the unfolding of action and the experience of fictional creatures. In this way, converging to the unleashing of attitudes and the outcome of each one marked by ruin, decadence and loneliness.

KEYWORDS: Dictatorship Military; Violence; Repression; Rebellion; Art

[1] Artigo apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras: Línguas e Literaturas Portuguesa e Inglesa, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM/IEAA/Humaitá-AM.
[2] Acadêmica finalista.
[3] Orientador: Profº Sc. M. Edimildo de Jesus Barroso Passos.

1 INTRODUÇÃO

A ditadura militar no Brasil foi um período em que os militares governaram o país, estendendo-se de 1964 a 1985. Esse momento se tornou conhecido pela falta de democracia, suspensão dos direitos civis, censura, perseguição e repressão. Muitos políticos em exercício que não eram adeptos do sistema estabelecido por ocasião do golpe foram afastados de suas funções. Cidadãos participantes de outros grupos que, de alguma maneira pudessem oferecer resistência à ideologia, foram exilados, presos e até mesmo assassinados, com o objetivo de afastar todos os opositores do movimento político instaurado.

O sistema de governo militar repercutiu por todo o país, alcançando também a Amazônia e se estendendo por toda a região. Apesar da crise econômica que o país enfrentava, o governo implantou obras gigantescas a fim de transmitir ao povo a imagem de que o Brasil vivia um grande desenvolvimento econômico. Uma dessas obras foi a construção da rodovia Transamazônica que causou um grande impacto ao meio ambiente e atraiu um grande fluxo de migrantes de outras partes do país.

O período do governo regido pelos militares acarretou, portanto, uma série de consequências negativas tanto no ambiente físico do país quanto para a sociedade de um modo geral. Desde então, este tem sido um tema desenvolvido por vários escritores em suas obras literárias. Um desses autores é o escritor Milton Hatoum, que tem a ditadura militar como temática em grande parte de seus romances.

A partir dessa perspectiva histórica, política e social, este trabalho desenvolveu um estudo da obra *Cinzas do Norte* (2005), sob o viés da representação histórica e ficcional referente à imposição violenta do Regime Militar no Brasil. A pesquisa mostra como o período da ditadura se encontra fortemente contextualizado na narrativa. Isso é realizado por meio do envolvimento representativo de suas personagens com os militares e "coronéis" uma vez que a maioria dos cargos de poder era ocupada por militares e esses também interferiam de forma direta na vida das principais personagens envolvidos na trama.

O presente estudo teve como objetivos: averiguar os personagens militares e os aspectos do período da ditadura militar presentes na obra *Cinzas do Norte;* demonstrar a modificação do espaço, bem como os efeitos no ambiente e na vida das personagens, e, constatar a representação de eventos análogos aos que aconteciam. Além da análise do conteúdo da referida obra, a pesquisa, abordou outros autores que serviram de suporte teórico-científico.

Esta pesquisa se torna relevante por se tratar de um tema que, normalmente, desencadeia discussões capazes de proporcionar o conhecimento histórico de um período conflituoso que

foi a Ditadura Militar no Brasil. Além de propiciar o conhecimento acerca da história brasileira, o referido tema serve também como fonte para estudos acadêmicos que ocasionam conhecimento geral para as futuras gerações.

Para levantamento das informações presentes neste trabalho, a metodologia adotada foi a pesquisa de cunho bibliográfico com análise de conteúdo. Esta foi direcionada para o campo dos estudos culturais e literários, com ênfase nas questões sociais, históricas e políticas que se fazem representar na obra literária *Cinzas do Norte*. Para subsidiar uma discussão que abarcasse a proposta analítica aqui apresentada, tomou-se como suporte teórico autores/críticos como: Germano (2000); Araújo (2013); Leite (1987), Ataíde (1974), Friedman (2002) e Genette (1972), entre outros.

O trabalho encontra-se dividido em seis tópicos que servirão como aporte para o desenvolvimento do mesmo. O tópico número dois é subdividido em: 2.1 Autor - apresentação da biografia do autor; 2.2 Caracterização da obra – evidencia os aspectos da obra *Cinzas do Norte* e o estilo do autor; e, 2.3 - Outras obras do autor - propicia o conhecimento de outras obras de Milton Hatoum, como forma de incentivo à leitura.

A continuação do trabalho segue da seguinte maneira: 3. A ditadura militar no Brasil – abordagem teórica sobre a temática; 4. A ditadura militar na Amazônia – trata sobre os reflexos do regime na Amazônia e seus efeitos; 5. A ditadura militar em *Cinzas do Norte* – apresenta uma análise sobre os aspectos do período militar e sua relação dentro da obra *Cinzas do Norte*. 6. Conclusão - fechamento de toda a pesquisa.

2 AUTOR E OBRA

2.1 Autor

Milton Hatoum é um escritor, tradutor e professor brasileiro, nascido na cidade de Manaus em 1952, filho de pai libanês e mãe descendente de libaneses. De acordo com Hatoum, a presença de imigrantes orientais na região amazônica é muito acentuada, sendo que as segundas gerações desses imigrantes se casaram com brasileiros, como é o caso de sua própria família.[4]

Em entrevista concedida ao site Globo Universidade (2013), Milton Hatoum diz que sempre estudou em escola pública. Cursou o Ginásio Pedro II, em Manaus, que é hoje o Colégio Estadual do Amazonas. Aos 15 anos, mudou-se para Brasília e estudou no Colégio de Aplicação, ligado à Universidade de Brasília (UnB), que segundo ele, foi fechada pelos militares.

[4]Entrevista concedida a Aida Ramezá Hanania em 05/11/1993. Transcrita e editada pela ARH.

Nessa entrevista, o escritor fala também que desejava ser arquiteto, por isso foi para São Paulo em 1970 onde entrou para a FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) da Universidade de São Paulo (USP), e se formou em Arquitetura. Enquanto estudava na FAU, frequentou vários cursos de Teoria Literária e de Literatura Hispano-Americana.

Ainda na entrevista Hatoum ressalta que queria muito sair do Brasil. Então, em 1979 conseguiu uma bolsa para estudar literatura e língua espanhola em Madri, permanecendo por quatro anos na Europa. Morou também em Barcelona e, depois, em Paris por alguns anos. Iniciou doutorado em Literatura na Universidade Sorbonne, porém não concluiu. Em seu retorno para Manaus em 1984, ingressou como professor de Francês na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), permanecendo ali até 1998. Enquanto professor da Universidade federal do Amazonas, foi professor visitante na Universidade da Califórnia, em Berkeley, por um semestre, e em algumas outras universidades americanas, entre elas Yale e Stanford.

2.2 Caracterização da obra

Milton Hatoum destaca-se entre os mais expressivos romancistas da Amazônia conforme afirma Engrácio (1994). Corroborando com esse ponto de vista, na opinião de Márcio Souza (1978 *apud* ENGRÁCIO, 1994), Milton Hatoum sobressai-se como uma grande manifestação da literatura amazônica. Por ter nascido em Manaus, Milton Hatoum utiliza a cidade como cenário em algumas de suas obras, bem como temáticas familiares relacionadas com o ambiente manauara, no qual cresceu.

Na entrevista concedida a Aida Ramezá Hanania, em 05/11/1993 (Transcrita e editada pela ARH), o escritor relata que ao escrever a obra *Relato de um certo Oriente*, utiliza suas lembranças de infância e relatos das pessoas mais velhas, misturando vozes da família e vozes de outras pessoas. Utiliza ainda vozes de libaneses, de judeus, amigos que moravam na Espanha e na França, que lhe contavam histórias do Marrocos, da Síria de outras tribos, de outros clãs etc. Afirma, ainda, na entrevista que para ele “arte não é exatamente a vida, mas também não é exatamente a sua negação”.

O romancista Milton Hatoum se vale de subsídios em que suas obras se contextualizam, enaltecendo a cultura regional. Seu estilo é peculiar, pois faz uso de termos locais relacionados a aspectos como fauna, flora, lugares e costumes, sobretudo, alimentares. Na obra em estudo, o autor toma como inspiração a região amazônica – especialmente a cidade de Manaus, a partir da década de 1950 a meados da década de 1980, utilizando elementos “cenográficos”, como arquitetura e paisagens locais, seus bairros, rios, pontos turísticos etc. Menciona ainda outras

partes da região, como a Vila Amazônica, Parintins e outras cidades ribeirinhas dos estados do Amazonas e Pará.

Como afirma Vicente Ataíde (1974, p.5), uma obra, em sua formação, "busca grande quantidade de material do meio de onde ela sai". O desígnio do uso de tal recurso é enriquecê-la, tornando-a um elemento da cultura. Esta, por sua vez, "é o conjunto de conhecimentos, atitudes, atividades, hábitos, técnicas, sentimentos, pensamentos e sensações de um grupo humano dentro de seu ambiente físico, social e psíquico". (ATAÍDE,1974, p. 5). O artista pertence a sua cultura da mesma forma que o leitor, pois, a obra é formada sobre a linguagem, que é um acervo da cultura por conter imagens e elementos culturais. A obra enaltece o público-alvo por meio das informações que apresenta, direcionando o ser humano a visualizar o mundo de forma circunspecta e construtiva.

A capacidade de Hatoum relacionar sua escrita literária com o ambiente cultural faz dele um escritor eminentemente extraordinário. Além dessa característica, é possível identificar no romance *Cinzas do Norte* algumas semelhanças entre a vida do escritor Milton Hatoum e a ficção, como por exemplo: os dois protagonistas são nascidos no início dos anos 50, semelhantes a Hatoum; ao longo da trama, o escritor insere acontecimentos vivenciados por ele como o golpe militar de 1964; a narrativa aborda situações vividas pelas personagens Lavo e Mundo no colégio Pedro II, em Manaus, onde, também, estudou Milton Hatoum.

Embora não se possa afirmar que seja um romance autobiográfico, tais semelhanças levantam a hipótese de que o escritor conte um pouco da sua própria história, trazendo a realidade para dentro da ficção. Conforme afirma Hatoum ao falar sobre o romance *Relato de um certo Oriente*:

> No *Relato* há um tom de confissão, é um texto de memória sem ser memorialístico, sem ser autobiográfico; há, como é natural, elementos de minha vida e da vida familiar. Porque minha intenção, do ponto de vista da escritura, é ligar a história pessoal à história familiar: este é o meu projeto. Num certo momento de nossa vida, nossa história é também a história de nossa família e a de nosso país (com todas as limitações e delimitações que essa história suscite). [...] Uma autobiografia nunca é verossímil, nunca é verdadeira... ela não é uma confissão de verdade. Todo relato autobiográfico *entre aspas*, que se pretende autobiográfico, tem uma dose de mentira, tem seu lado ficcional. É como se a linguagem friccionasse essa suposta verdade e daí surgisse a ficção, essa mentira que é a ficção [...]. (HANANIA,1993, entrevista Milton Hatoum).

Na estrutura da narrativa de ficção encontram-se vários elementos que são essenciais. Um desses elementos é o narrador, pois ele é a voz que se manifesta: "O narrador é uma constituição

do autor para narrar estrategicamente os fatos que são desenvolvidos dentro da história." (AGUIAR E SILVA, 1988, apud FRANCO JUNIOR, 2009, p. 41). De acordo com a classificação de Genette (1972, p. 247), há alguns tipos de narradores que são mais comuns em textos narrativos. Entre os tipos por ele classificados, encontra-se "o narrador intradiegético-homodiegético [...] narrador do segundo grau que conta sua própria história". Logo, o narrador homodiegético é um personagem que está situado dentro da história contada, porém não como protagonista.

À vista disso, encontramos, portanto, em *Cinzas do Norte* um narrador intradiegético-homodiegético. Seu nome é Lavo, e, é amigo de infância do protagonista Raimundo Mattoso. Ele é um narrador testemunha ou personagem secundária que narra, em primeira pessoa, acontecimentos dos quais participou. Conforme Friedman (2002) "Eu" como testemunha: é aquele que narra em primeira pessoa, contundo, exerce uma posição secundária no enredo. Como testemunha ele tem acesso às informações que chegam até ele, por meio de cartas ou fala das personagens, bem como situações vivenciadas por ele dentro da narrativa.

O foco narrativo desse tipo de narrador ocorre de acordo com seu ponto de vista: subjetivo e parcial, dentro da história, "é um eu já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, verossímil. " (FRIEDMAN, 2002, p. 175).

Esse tipo de narrador apresenta as cenas sempre da maneira como as vê, voltando-se, principalmente para o protagonista. Nesse romance, por exemplo, Lavo narra fatos vividos por ele próprio e por outras personagens, por ele testemunhado, que podem ser vistos também como narradores, é o caso de "Mundo" e Ranulfo, pois, frequentemente, suas falas são manifestadas no enredo. A presença dessas três vozes contribui para a verossimilhança da obra.

Outro recurso empregado, frequentemente, por Milton Hatoum em suas obras, e por muitos escritores da literatura brasileira, é o emprego da memória. Esse artifício serve como meio impulsionador para a criação ficcional. Entre outras obras destacam-se, conforme Fischer, as que:

> [...], já levam "memória" no nome – como Memórias de um Sargento de Milícias – e as que tecem a narrativa pelo fio da memória – como a obra de Milton Hatoum, e aqui incluir-se-iam todos os seus romances e alguns dos seus contos, o que pode nos permitir denominar o autor como um "escritor de memórias". A constante presença de memórias na construção das narrativas poder-se-ia ser explicada pela tentativa de postular um "eu enunciador que merece ser ouvido": através de suas lembranças, o narrador divide a sua vivência com alguém, em uma tentativa de legitimar a sua história e de se aproximar de um leitor. (FISCHER, 2009 *apud* WELTER, 2010).

Em *Cinzas do Norte*, Lavo faz uso da memória a fim de relatar os acontecimentos que vão sendo narrados no romance. Utiliza-se, ainda, de outros recursos, como as cartas recebidas de "Mundo", os relatos do seu tio Ranulfo e as cartas que Ranulfo escreveu para "Mundo", as quais Lavo teve acesso apenas depois da morte deste:

> [...] Uns vinte anos depois a história de Mundo me vem à memória com a força de um fogo escondido pela infância e pela juventude. Ainda guardo seu caderno com desenhos e anotações, e os esboços de várias obras inacabadas, feito no Brasil e na Europa, na vida à deriva [...] (HATOUM, 2005, p. 9-10).

Outra característica de Hatoum é a presença da construção metalinguística do romance. A metalinguagem se explica, na obra, pelo fato de que Lavo conta sua história através da construção de um livro, fazendo de *Cinzas do Norte* um "livro sobre um livro". (GOMES, 2007, p. 3). Portanto, a metalinguagem serve para descrever ou falar sobre uma outra linguagem, natural ou artificial. Deste modo, ao se voltar sobre si mesma a linguagem transforma-se em seu próprio referente. O exemplo da metalinguagem no romance, é que Lavo escreve a história de Mundo a partir dos relatos escritos por Ranulfo:

> [...] Perguntei o que estava escrevendo. "O relato sobre Mundo", disse, triste mas orgulhoso. "Histórias... a minha, de Mundo e do meu amor, Alícia." [...] " Publica logo o relato que escrevi. Publica com todas as letras... em homenagem à memória de Alícia e de Mundo". Atendi ao pedido do meu tio, mas não com a urgência exigida por ele – esperei muito tempo. Como epílogo, acrescentei a carta que Mundo me escreveu, antes do fim. (HATOUM, 2005, p. 302 e 303).

À vista disso, são os recursos empregados por Hatoum em suas obras que o tornam um autor contemporâneo tão bem reconhecido e aclamado pela crítica nacional e estrangeira. Suas criações encontram-se interligadas pela temática, período, espaço e ambiente. Esses elementos conjeturaram-se estarem relacionados com a vida do autor, experiências e sentimentos vivenciados por ele que servem como inspiração para suas criações.

2.3 Outras obras do autor

Milton Hatoum estreou como escritor com a obra *Relato de um certo Oriente* (1989), publicada na Itália, Alemanha, Inglaterra, Espanha e Portugal. O enredo envolve o drama de uma mulher que depois de longo tempo distante, retorna à cidade de Manaus, onde nascera. Seu desejo é encontrar Emilie, a matriarca de uma família libanesa há muito radicada ali. No

entanto, encontra a casa desfeita bem como todas as casas da infância. Este relato se alterna entre o Oriente e o Amazonas em busca de um mundo perdido, que se reconstrói nas falas alternadas das personagens, revivendo a tradição oral dos narradores orientais.

Em 2000, Hatoum lança seu segundo romance, *Dois irmãos*, trazendo de volta, na temática, uma abordagem à saga dos imigrantes libaneses na Amazônia e as relações familiares conflituosas. Neste romance de intensa dramaticidade, Milton Hatoum narra a história de dois irmãos gêmeos - Yaqub e Omar. A narrativa aborda os conflitos familiares. *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos* são ganhadores do Prêmio Jabuti de melhor romance e foram publicadas em oito países.

Seu terceiro romance, *Cinzas do Norte* (2005), ganhou vários prêmios: Prêmio Portugal Telecom; o Grande Prêmio da Crítica/APCA-2005, Prêmio Jabuti/2006 de melhor romance; Prêmio Livro do Ano da CBL e Prêmio BRAVO! de literatura. Em 2008, recebeu do Ministério da Cultura a Ordem do mérito cultural. Em 2010, a tradução inglesa de Cinzas do Norte (Ashes of the Amazon, Bloomsbury, 2008) foi indicada para o prêmio IMPAC-DUBLIN.

Em 2008, Hatoum publicou seu quarto romance, *Órfãos do Eldorado*, ganhando o quarto Prêmio Jabuti – 2º lugar na categoria romance. *Órfãos do Eldorado* faz parte da coleção *Myths*, da editora escocesa Canongate. Nesta obra, Arminto Cordovil um velho tratado como louco, narra a própria história de seu amor desesperado por Dinaura. Narra também a crônica de uma família, de uma região e de toda uma época que sob o encantamento do período da borracha, tenta absorver os sonhos seculares de um Eldorado amazônico.

Em 2009, publicou o livro de contos *A Cidade Ilhada*. Alguns contos da coleção são narrados por Lavo, narrador de *Cinzas do Norte*, com referência a outros personagens como tio Ran, tia Mira e Minotauro. Além disso, há alusão de locais que são muitas vezes citados no romance. Alguns de seus contos foram publicados nas revistas *Europe*, *Nouvelle Revue Français* (França), *Grand Stree* (Nova York) e *Quimera* (México), e da *Oxford Anthology of the Brazilian Short Story*.

Em 2013, publicou o livro *Um solitário à espreita*, uma seleção de crônicas publicadas em jornais e revistas. O volume contém noventa e seis amostras dividido em quatro seções que abordam temas como língua e literatura, a realidade, a memória e os afetos, além de pequenas fabulações. *Um solitário à espreita* transmite por meio da crônica, a visão de mundo e as opiniões de Milton Hatoum. O futuro da literatura, a dureza dos anos vividos sob o regime militar e a realidade das grandes cidades do Brasil.

O Lugar Mais Sombrio (2017) é sua mais recente criação em forma de narrativa longa. Uma série de três volumes na qual o drama familiar se entrelaça à história da ditadura militar

para dar à luz um poderoso romance de formação. O primeiro volume da série foi lançado em novembro de 2017 intitulado *A Noite da Espera*. Nesta obra, Hatoum retrata os reflexos deixados pelo período da ditadura militar no Brasil e a formação sentimental política e cultural de um grupo de jovens na cidade de Brasília, nos anos 1960 e 1970.

Em parceria com o filósofo e crítico literário Benedito Nunes, Milton Hatoum publicou *Crônica de duas Cidades*: Belém e Manaus, em 2006, pela SECULT-PA. Foi colunista dos extintos site Terra magazine e da Revista Entre livros. Desde 1998, mora em São Paulo, onde é colunista do Caderno 2 (O Estado de São Paulo).

As obras do escritor Milton Hatoum são publicadas no Brasil pela editora Companhia das Letras, e, segundo informações do Blog TAG, algumas de suas obras já foram traduzidas em 12 línguas e publicadas em catorze países. Apenas no Brasil já foram vendidas mais de 200 mil cópias, além disso Hatoum publicou também ensaios e artigos sobre literatura brasileira e latino-americana em revistas e jornais do Brasil, da Espanha, França e Itália. Em 2017, recebeu do governo francês o título de *Officier de L'Ordre* das *Arts et des Lettres*.[5]

3 A ditadura militar no Brasil

O período da ditadura militar, no Brasil, teve início em 31 de março de 1964, com o golpe militar. A necessidade de colocar o país em ordem foi a justificativa usada para o golpe – justificativa que se traduz no conceito de "Ordem e Progresso". O governo do presidente em exercício, João Goulart, foi voltado para as causas sociais, a proposta da reforma agrária entre outras, não era do agrado dos conservadores que partiram para o golpe em busca de estabelecer a "ordem" no país e posteriormente o progresso.

A ditadura retirou os direitos civis dos cidadãos brasileiros. O regime se dividia em duas linhas: uma mais dura, onde os militares eram mais opressores e outra mais branda em que eram valorizados o conhecimento e a ciência, como um todo. Portanto, mais intelectualizada. Esses militares eram veteranos da 2ª Guerra Mundial e pretendiam fazer uma rápida democratização. Porém, para isso, era preciso que o regime militar restabelecesse a "ordem" no Brasil.

O marechal Humberto de Alencar Castello Branco esteve à frente do primeiro governo militar (1964 a 1967), ele fazia parte da "linha dura". Esse Presidente deu início à criação dos chamados atos punitivos que culminaram na implantação dos Atos Institucionais. Entre outras

[5] Informações extraídas dos Blogs: Milton Hatoum biografia, TAG e Grupo Companhia das Letras.

determinações, esses Atos atribuíam poderes para o presidente governar sem ser necessária a aprovação do congresso. A implantação dessas medidas foi iniciada pelo Ato Institucional nº 1 – o chamado AI1, que atribuía vários poderes ao Presidente da República, entre esses, "a exclusividade para legislar no campo financeiro ou orçamentário" (GERMANO, 2000, p. 57).

Entre outras medidas estabelecidas por Castello Branco, de acordo com Germano (2000), destacaram-se algumas contidas no Ato Institucional nº 2 – AI2: suspensão dos direitos políticos dos cidadãos; cassação de mandatos parlamentares; eleições indiretas para presidente da República; a criação do que consistia na dissolução de todos os partidos políticos e criação de duas novas agremiações políticas: a Aliança Renovadora (ARENA) que reuniu os governistas, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reuniu as oposições. Além dessas decisões esse Ato estabeleceu, também, que as eleições presidenciais seriam indiretas.

A essas medidas seguiram-se a Instauração dos Atos Institucionais nº 3 e 4. Aquele assegurava as medidas anteriores e implantava eleições indiretas para prefeitos e vereadores; este decretou definitivamente a ditadura militar no Brasil subordinando o poder legislativo ao executivo (HISTÓRIA – Resumos, junho 20, 2016).

No governo de Artur da Costa e Silva (1967 a 1969), segundo Araújo *et al* (2013), foi implantado o ato institucional nº 5 – o conhecido AI5, que retirava todos os direitos civis. Mandatos de parlamentares eram cassados se necessário, sendo retirado o direito a *habeas corpus* e a necessidade de prisão apenas por ordem judicial, tornando-se assim uma afronta aos direitos civis dos brasileiros.

Esse momento foi marcado por censura, perseguição política, fim dos direitos constitucionais e ausência de democracia. Os que foram contrários à ideologia do regime militar foram punidos severamente: "[...] os militares instalaram-se de forma direta e duradoura no governo, instaurando uma ditadura violenta e repressiva, que durou vinte e um anos, tornando-se a ditadura mais longa que ocorreu em toda a história da América Latina". (GERMANO, 2000, p. 48).

Durante todos os momentos de crise da história do Brasil conforme Germano (2000), o exército sempre esteve presente exercendo papel decisivo em todos os movimentos. Porém, foi a partir da segunda metade do século XIX, com a Guerra do Paraguai, que a participação das Forças Armadas na vida política do Brasil desempenhou maior repercussão. A partir da proclamação da República, em 1889, e com a instauração da ordem burguesa, o Exército passou a ocupar posição privilegiada no centro do poder.

Dessa forma, as Forças Armadas foram se fortalecendo politicamente e se introduzindo na vida política do país. "[...] estabelecendo uma politização das instituições militares, com a

‘transformação de um corpo de Estado em Estado’”. (GERMANO, 2000, p. 49), (Grifo do autor). Isto é, o que deveria ser uma parte do poder do Estado, passa a ser o poder total deste. Nesse contexto, o que agora é o “Estado” passou a ocupar também maior destaque como educador, “em países como o Brasil, um Exército bem *organizado* é o instrumento mais poderoso de que dispõe o governo para a educação do povo e consolidação do espírito nacional”. (MONTEIRO, 1987 *apud* GERMANO, 2000) (grifo do autor).

No início da década de 1960, o país passa a enfrentar uma crise econômica de grandes proporções. De acordo com Ianni, a crise econômica se manifestou através da redução do índice de investimentos, diminuição da entrada de capital externo e a queda da taxa de lucro, agravando a inflação. A sociedade brasileira, insatisfeita com o rumo da economia do país e preocupada com o desfecho da mesma, passa a mobilizar-se através de manifestações populares, intensificando o conflito entre capital e trabalho e, consequentemente, agravando a crise de direção política do Estado. Assim, as lutas de classe se acentuam:

> Outros grupos da sociedade também se organizaram e participaram ativamente das mobilizações em favor das Reformas de Base, como estudantes, militares subalternos (sargentos, marinheiros etc). Saliente-se que, do ponto de vista ideológico, o nacionalismo de esquerda exerceu uma inequívoca influência nas mobilizações em que, frequentemente, a própria dominação burguesa era posta em questão. (IANNI, 1977, *apud* GERMANO, 2000, p. 50).

Em todo o território brasileiro aconteciam campanhas e movimentos de educação e cultura popular com propostas de conscientização política e social do povo:

> [...] Até mesmo a Igreja Católica preocupava-se com a situação social e política e, temendo perder o controle do seu “rebanho”, organizou sindicatos rurais concorrendo com o PCB (Partido Comunista Brasileiro) e com as Ligas Camponesas. A Igreja chegou a criar um sistema de radiofusão educativa com o MEB (Movimento de Educação de Base) e envolveu-se em campanhas eleitorais em favor dos candidatos cristãos. (GERMANO, 2000, p. 50).

Fatores externos também foram decisivos para o desencadeamento do golpe militar. Germano (2000) afirma que, com a revolução socialista de Cuba, o poder e prestígio dos Estados Unidos foram afetados, convergindo para uma ofensiva anticomunista na América Latina. Outros países que sofriam opressão política foram atraídos pela experiência cubana, então os Estados Unidos se empenharam a fim de evitar o surgimento de algo semelhante em outro ponto das Américas. Acerca disso o autor expõe:

> Em consequência, foi criado um programa de cooperação econômica denominado "Aliança para o Progresso", os exércitos continentais foram conclamados a travarem uma prolongada luta anti-subversiva e, em alguns casos, ocorreu uma intervenção inequívoca dos Estados Unidos em favor das forças antidemocráticas e golpistas como se verificou no Brasil, em São Domingos e no Chile. (GERMANO, 2000, p. 50).

Muitos setores da classe média, a cúpula militar e a burguesia se surpreenderam com esse contexto, "[...] as classes dominantes tentam minar, no Congresso, as Reformas de Base". (GERMANO, 2000, p. 51). Essas reformas propunham a criação de instituições ideológicas e políticas cujo objetivo era tentar constituir exércitos particulares como prevenção de possíveis confrontos armados. Esses fatores, que contribuíram para a intervenção militar de 1964, foram recebidos com aclamação por uma parte das camadas médias urbanas, lideradas pela igreja católica.

O movimento de 1964 representou uma reação ao quadro de crise hegemônica em que o país se encontrava. Na visão de Cavagnari (1987, *apud* Germano, 2000), a maior prioridade dos militares era o fortalecimento do poder, e não a construção da democracia. Assim sendo, todos aqueles que eram contrários a essa ideologia deveriam ser combatidos. Sob este aspecto, Comparato declara:

> [...] É preciso pôr previamente fora de combate todos os simpatizantes possíveis da subversão onde quer que se encontrassem, sobretudo nas instituições difusoras de ideias (Escolas, Universidades, Igrejas) ou naquelas suscetíveis de enquadrar a população contra o Estado (sindicatos, associações). Dessa forma, todos os meios são válidos para a obtenção de informações, inclusive a tortura, desde que se prestem à descoberta do "inimigo eventual": "a heroína desamparada a salvar é a Nação". (COMPARATO, 1981, apud GERMANO,2000 p. 54) (grifo do autor).

Todas as pessoas que eram contrárias à ideia denominada de Ideologia da Segurança Nacional eram consideradas inimigas. Todos os meios para se obter informação e se descobrir o inimigo eram válidos, sendo caracterizados pela tortura, autoritarismo e violência. O intuito era controlar todos os setores da sociedade civil. Instituições que representavam os trabalhadores e os estudantes foram fechadas e partidos políticos exterminados. A esse respeito Araújo *et al* (2013, p. 14) diz que "esse tempo foi tenebroso, as punições e a violência eram praticadas pelo Estado, cassações de mandatos de parlamentares e a suspensão dos direitos políticos".

Embora o lema do militarismo fosse a ordem e o progresso, de acordo com Resende (2017), o governo militar não havia conseguido resolver o problema do crescimento econômico.

Empréstimos de capital estrangeiro foram realizados, com a finalidade de estabelecer a ordem do progresso no Brasil contraindo uma imensa dívida. O então ministro da fazenda lançou uma medida que fez a economia crescer. Para isso foram realizadas obras gigantescas como a ponte Rio-Niterói e a construção da rodovia Transamazônica, que nunca foi concluída, construção de hidrelétricas etc. Esse aparente milagre econômico por meio da movimentação financeira teve um breve crescimento, porém não trouxe a solução para o país. O milagre econômico foi o ápice do governo Médici (1969 a 1974), contudo, foi também sua decadência.

Com a eleição do presidente Ernesto Geisel (1974 a 1979), pelo partido do MDB, comenta Germano (2000), lenta e gradualmente o poder militar foi sendo enfraquecido. O início desse processo aconteceu através de medidas que acabaram com os Atos institucionais, surgindo novamente o pluripartidarismo. Surgiu também a da Lei da Anistia, que concedia o perdão àqueles que haviam sido considerados opositores e aos presos políticos, exceto os que foram considerados culpados de terrorismo, segundo o ponto de vista da ditadura. Como consequência, ainda, desse processo, houve, também, a restauração do *Habeas Corpus.*

Apesar de todas as mudanças ocorridas com a implantação do novo governo, somente após quase uma década, em 1988, é que foi criada a Constituição Cidadã. Essa Carta é a que prevalece até o dia de hoje e foi ela que iniciou de fato o fim do governo militar. Contudo, essa Constituição não conseguiu desfazer as consequências desse período conturbado.

4 A ditadura militar na Amazônia

O reflexo da ditadura militar no Brasil foi sentido também na Amazônia. Esse sistema impôs a mesma forma de opressão sobre os povos indígenas que ocupavam o território onde a construção da rodovia Transamazônica, uma das obras gigantescas do governo Médici, aconteceria.

O site da agência de jornalismo independente “Amazônia Real”[6], em página exibida no dia 31/03/2014 às 02:43, nos diz que, “em outubro de 1970, foi inaugurado a construção da rodovia, por meio de solenidade realizada no município de Altamira, no Pará. Para “‘comemorar’ o momento, uma castanheira foi derrubada” (grifo do autor).

[6]O site da agência de jornalismo independente **Amazônia Real** entrou em atividade no dia 21 de outubro de 2013. É uma organização sem fins lucrativos, inscrita nos órgãos competentes e sediada em Manaus, no Amazonas.

A Transamazônica fazia parte do projeto do regime militar de ocupação da Amazônia. Ao mesmo tempo em que a obra da rodovia destruía imensas áreas de floresta, impactava a fauna da região e incentivava a imigração para o Estado do Amazonas. Dessa forma, terras indígenas foram invadidas, destruídas e impactadas negativamente.

Em matéria publicada no dia 01 de abril de 2014, pela GREENME[7], por ocasião do cinquentenário do golpe militar, são reveladas denúncias desconhecidas por grande parte da população brasileira, como as de Tiuré, ex-funcionário da FUNAI, de etnia potiguara, que teve que se exilar no Canadá em razão de perseguições dos militares, em que ele cita mais de cinco mil indígenas desaparecidos e aldeias inteiras exterminadas pela política de estado. Na continuação da matéria publicada lemos:

> A emblemática declaração do coronel Carlos Aloysio Weber, ex-comandante do 5° Batalhão de Engenharia e Construção, confirma o tom de como a ditadura lidou com as questões ambiental e indígena na Amazônia: "Como você pensa que nós fizemos 800 quilômetros de estrada? Pedindo licença, chê? Usamos a mesma tática dos portugueses, que não pediam licença aos espanhóis para cruzar a linha de Tordesilhas. Se tudo o que fizemos não tivesse dado certo, eu estaria na cadeia, velho". (GREENME, 2014).

A declaração do coronel sugere a ocorrência de genocídio, sendo utilizadas as mais variadas formas de crueldade, de acordo com Greenme (2014): " O uso de arsênico, bombardeio de aldeias, inoculação de vírus e sabe-se lá mais o quê. Os povos indígenas foram massacrados pelo regime. Toda a violência teria sido motivada pela tomada de terras. " Essas medidas eram tomadas com a justificativa de desenvolver a região, contudo, não havia planejamento prévio para a realização das grandes obras. Com isso, impactos ambientais foram causados e direitos dos indígenas foram violados.

Um dos principais objetivos do governo militar para a Amazônia, ainda declara Greenme (2014), era a extração de minérios, no entanto, outros interesses foram incorporados, tais como a extração de madeira, implantação de projetos agropecuários e de indústrias beneficiadas por incentivos fiscais, projetos que estão hoje cada vez mais fortes nas agendas governamentais. Dessa forma, a ditadura deixou seu legado através do impacto ambiental, que continua refletindo ainda hoje através da retomada de muitas obras que foram planejadas naquele período (a retomada de tais obras não é relevante para esta pesquisa).

[7] GreenMe.com.br é uma revista brasileira online, de informação e opinião sobre questões "verdes", com sede em Roma (Itália), Via Carlo Mirabello 17. P.IVA: 11449491007.

5 A ditadura militar em *Cinzas do Norte*

Cinzas do Norte apresenta a história de dois meninos chamados Olavo e Raimundo que vivem em Manaus nas décadas de 1950 e 1960. Olavo, cujo hipocorístico é Lavo, é órfão e vive com os tios Ranulfo e Ramira. Lavo cresce próximo da família Mattoso. Raimundo Mattoso, de hipocorístico Mundo, é filho de Alícia, (uma mulher jovem e interesseira), e do aristocrático Trajano, empresário influente na alta sociedade manauara, que mantém boas relações com os oficiais militares. No centro das ambições de Trajano está a Vila Amazônia, uma mansão próxima a cidade de Parintins, sede de uma plantação de juta. A relação de Jano com os empresários (na maioria militares), é percebida em vários pontos da obra:

> [...] Aquele grandalhão ali é Albino Palha... Amigo e conselheiro do meu pai. Exporta juta, castanha e borracha. Se dependesse dele, exportava até os empregados da Vila Amazônia. Palha é um solteirão, se derrete todo na frente dos militares. Olha como bajula os caras. Só falta pentear o bigode do mais alto, o coronel Zanda, que o Jano vive dizendo que é o preferido do Comando Militar da Amazônia. O outro é o tenente Galvo, ajudante-de-ordens do Zanda. (HATOUM, 2005, p. 46).

No romance, o princípio da ditadura militar é também o princípio da amizade entre Lavo e Mundo. Os dois são meninos de aproximadamente 10 anos de idade e que, apesar de pertencerem a classes sociais diferentes, a amizade entre ambos ultrapassa os limites da idade escolar e se estende por toda a vida. Juntos, os personagens amadurecem em meio às mudanças políticas em que o país se encontra. Ao mesmo tempo, compartilham do sentimento de liberdade que lhes é negado devido às inúmeras regras e imposições resultantes do contexto histórico do qual acabam sendo vítimas.

Desde cedo, Mundo se mostra contrário a tudo o que diz respeito a regras e imposições, por isso luta contra o pai, contra a província e contra a moral dominante. Luta ainda contra os militares que tomam o poder em 1964 e dão início a um período de descaso para com Manaus, que cresce desordenadamente empregando à cidade aspectos de devastação. Mundo encontra na arte a maneira de manifestar suas angústias mais profundas. Nessa luta que se transforma em fuga rebelde, Mundo alcança Berlim e Londres na década de 1970. Da Europa ele escreve para seu amigo Lavo, agora advogado, vivendo ainda em Manaus. Outros incidentes completam a narrativa trazendo inúmeras revelações que dão um vislumbre sobre a vida das personagens, contribuindo para o seu desfecho.

O enredo se desenvolve em Manaus, capital do estado Amazonas. A cidade refletia os traços de uma época em que a sociedade brasileira passava por desgaste econômico e social. O território estava marcado pela ocupação militar no Brasil, e pelo início da ditadura, também na Amazônia brasileira. O governo em exercício dera início à construção da rodovia Transamazônica, facilitando o deslocamento de empresários brasileiros e estrangeiros que se estabeleceram na região, a fim de extraírem a rica matéria prima existente. A ocupação pelos grandes empresários e os projetos implantados, causaram devastação florestal e urbana. Empresários e comerciantes se fazem presentes também em Cinzas do Norte: "Gente graúda. O dono do barco é o chefão dos comerciantes, seu amigo [...]". (HATOUM, 2005, p. 65).

Foi por ocasião da ditadura militar que ocorreu a "reforma urbana" nas grandes cidades brasileiras, sendo marcada pelo crescimento irresponsável e desordenado, acarretando o aumento das favelas e de bairros desestruturados: "Uma consequência imediata da reurbanização das grandes cidades foi o deslocamento de milhares de famílias pobres das áreas centrais, onde moravam em cortiços, para locais de difícil acesso. Nasciam, assim, as favelas, como um desdobramento negativo da tentativa de "embelezar" o país" (ABAURRE, 2013, p. 12). Em *Cinzas do Norte*, percebe-se que Manaus também sofria a chamada "reforma urbana". Em uma espécie de síntese, Lavo relata a destruição a que a capital estava exposta:

> Em poucos anos Manaus crescera tanto que Mundo não reconheceria certos bairros. Ele só presenciara o começo da destruição; não chegara a ver a "reforma urbana" do coronel Zanda, as praças do centro, como a Nove de Novembro, serem rasgadas por avenidas e terem todos os seus monumentos saqueados. Não viu sua casa ser demolida, nem o hotel gigantesco erguido no mesmo lugar. (HATOUM, 2005, p. 259).

Coronel Aquiles Zanda fora nomeado prefeito de Manaus naquela época e queria mostrar serviço. No impulso da urbanização, Zanda cria o bairro Novo Eldorado, arquitetado próximo da floresta e distante do perímetro urbano. O bairro tinha como finalidade a instalação dos moradores ribeirinhos. Esses moradores enfrentavam inúmeros problemas, como por exemplo, as doenças causadas pela destruição da floresta: "Doença... leishmaniose. O inseto fura a carne que nem broca. Até o osso. Derrubaram a mata, aí essas pragas atacaram a gente. Leishmaniose, malária, o diabo..." (HATOUM, 2005, p.273).

Embora em nenhum momento o autor utilize o termo "ditadura militar" na obra, as referências a esse período aparecem frequentemente em meio aos diálogos e comentários. Em certo ponto do romance o narrador faz uma observação sobre um estudante morto em São Paulo, sem, porém, dar ênfase ao assunto:

> No meio da semana seguinte, as aulas da faculdade de direito foram canceladas em protesto contra o assassinato de um aluno da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. A imprensa falara pouco e de forma obscura, mas os informes enviados pela ordem dos advogados acusavam os militares. (HATOUM, 2005, p. 122).

O texto permite ao leitor deduzir que as manifestações contrárias eram caladas e a imprensa censurada. Ranulfo, tio de Lavo, era radialista e, em seu programa fazia, muitas vezes, comentários sobre o movimento político do Brasil e também de Manaus. Assim, afirma que, com o golpe militar e o poder nas mãos dos militares, não tolerariam seus comentários: "[...] depois do golpe militar iam acabar me demitindo: os censores dessa panacéia não iam aturar meus comentários políticos, muito menos minhas histórias de amor no meio da madrugada". (HATOUM, 2005, p. 28). Em outra ocasião Ranulfo relata a Lavo um caso de guerrilha na cidade, que este desconhecia:

> Na faculdade discutíamos atrocidades do governo em outros lugares, mas ninguém tinha falado sobre esse grupo de guerrilha em Manaus. [...] capitão Aquiles Zanda... foi promovido e condecorado quando terminou o serviço. Prendeu e torturou todos do grupo. O chefe foi encarcerado em Belém e depois executado. [...] Pouca gente sabe disso, as notícias foram censuradas. (HATOUM, 2005, p. 129).

Esses incidentes que aparecem na narrativa mostram que o objetivo da ideologia do regime militar era reprimir qualquer tipo de manifestação que pudesse ser contrária a seu sistema de ideias. Qualquer oposição era silenciada por meio do exílio ou de outra maneira mais definitiva. Apesar de tais fatos estarem relacionados à sociedade de um modo geral, o texto deixa subentendido que duas frentes se sobressaem, sendo elas a classe estudantil e os guerrilheiros. Por serem grupos organizados, essas frentes encontravam-se em condições de se opor ao governo em exercício.

A ocupação militar no governo brasileiro se reflete também na escola, obrigando todas as instituições a seguirem a metodologia imposta pelo Estado. Na Manaus de *Cinzas do Norte*, não é diferente, pois as regras disciplinares aplicadas nas escolas eram estabelecidas de acordo com o regime militar. Os alunos eram tratados com rigor e os responsáveis pela disciplina abusavam de sua autoridade a fim de intimidar os estudantes: "Bombom de Aço, o chefe deles, mexia com as alunas, zombava dos mais tímidos, engrossava a voz antes de fazer a vistoria da farda [...]" (HATOUM, 2005, p. 12).

O ambiente escolar sujeitava-se ao sistema estatal, transformando-se em um auditório dirigido por severos regulamentos: “as aulas do ginásio Pedro II iam recomeçar depois do golpe militar. Os bedéis pareciam mais arrogantes e ferozes, cumpriam a disciplina à risca, nos tratavam com escárnio” (HATOUM, 2005, p. 12). As regras e a disciplina eram impostas sob a pena de sofrerem castigos se não cumpridas. Os Jogos de Arena eram agressivos, em que disputavam entre si quem era o mais forte. Em um dos jogos um aluno morre na competição, entretanto depois da expulsão do agressor, a agressividade por parte dos competidores se multiplica:

> Em novembro depois de um processo que não deu em nada, o veterano foi expulso do Pedro II, os jogos recomeçaram ainda mais violentos: lutadores que prometiam vinganças e apontavam as barras de ferro retorcidas evocando a valentia do amigo punido, e os covardes que se cuidassem. (HATOUM, 2005, p. 15-16).

A violência exercida durante a ditadura militar pelos líderes em exercício pode se justificar pelo fato dos mesmos terem o poder em suas mãos e, assim, oprimirem os que se opunham à sua ideologia. Conforme comprovado acima, a escola compartilhava do mesmo sistema ideológico do Estado, visto que a violência que ocorria nos jogos escolares era incentivada pelos responsáveis. Uma das vítimas desse sistema escolar era Mundo. Ele estudava no ginásio Pedro II e não concordava com as regras impostas pela escola, por isso constantemente as subvertia:

> As regras disciplinares o transtornavam; mesmo assim, o desleixo da farda e do corpo crescia, enraivecendo os bedéis: cabelo despenteado, rosto sonolento, mãos sujas de tinta; a insígnia dourada inclinada na gravata, o nó frouxo no colarinho, ombreiras desabotoadas. Ele usava uma meia de cada cor, arregaçava as mangas, não polia a fivela do cinturão. Bombom o barrava e ameaçava: Preguiçoso, displicente, pensava que filhote de papai tinha vez ali? (HATOUM, 2005, p. 14).

A maneira que Mundo encontra para demonstrar seu menosprezo pelas regras escolares é por meio da arte, desenhando caricaturas. Suas reproduções ridicularizavam os colegas, evidenciando sua posição de criticidade. Dessa forma, desenvolvia nos mesmos atitudes agressivas e brincadeiras vingativas que o expunham ao ridículo: “ Minotauro colou com carrapicho um chumaço de rabiola na traseira do artista, tocou fogo com álcool e se afastou. ” (HATOUM, 2005, p. 18). Mundo não sofreu consequências drásticas porque se atirou ao lago. No entanto, foi silenciado e, apesar de ter um bom rendimento escolar, se afastou da escola sem prestar os exames finais, sendo obrigado pelo pai a estudar no Colégio Militar.

Coerção e brutalidade são encontradas também no Colégio Militar. Cará, um amigo de Mundo, por ser procedente das camadas menos favorecidas da sociedade Manauara, “era tratado como bicho, mangavam dele o tempo todo”. (HATOUM, 2005, p. 174). Mundo, por vezes, comentava sobre os treinamentos na selva, deixando transparecer o rigor a que eram submetidos os estudantes. Os militares priorizavam o treinamento na selva e levavam os alunos para aprenderem as técnicas de combate e sobrevivência. Para isso, em determinadas ocasiões trocavam experiências com combatentes da Guiana Francesa. Os treinamentos eram rigorosos e cruéis, muitos jovens estudantes não suportavam e, por isso tinham muito medo de serem convocados para tais adestramentos nas florestas:

> [...] Disse que os calouros haviam participado do treinamento anual com legionários da Guiana Francesa. Mercenários... estavam instruindo os militares brasileiros. Eram ferozes e sabidos, tinham um século de experiência no deserto e na selva, mas os franceses sempre aprendiam alguma coisa com os parceiros brasileiros. O comandante levava uma turma do Centro de Operações na Selva para os treinamentos, e os estudantes do Colégio Militar aprendiam exercícios e técnicas de sobrevivência e combate. Muitos nem conheciam a floresta e se cagavam de medo dos militares. (HATOUM, 2005, p. 128).

O comandante citado no trecho acima é Aquiles Zanda, era ele quem comandava as operações. Ele fazia parte dos militares linha dura e fora convocado do Rio de Janeiro para a cidade de Manaus a fim de combater o grupo de guerrilheiros a quem Ranulfo se referiu na conversa com Lavo, já citado anteriormente. Por sua eficiência na missão foi condecorado, tornando-se temido por sua crueldade:

> [...] Uns três anos depois do golpe militar, um grupo de jovens amazonenses organizou um foco de guerrilha por aqui. O Comandante Militar da Amazônia convocou um oficial do Rio para perseguir e prender os guerrilheiros... um oficial de uma brigada de Paraquedistas... capitão Aquiles Zanda... foi promovido e condecorado quando terminou o serviço. Prendeu e torturou todos do grupo. O chefe foi encarcerado em Belém e depois executado. (HATOUM, 2005, p. 129).

Mundo relata em trechos de seu diário a forma como os oficiais militares exploravam os jovens filhos de pobres que eram levados para a floresta a fim de serem treinados. Os alunos eram obrigados a realizar as tarefas mais pesadas. Somando-se a isso, ainda passavam privações e eram condicionados a pensar que constituiriam carreira na Escola Preparatória de Cadetes.

Em um desses relatos, Mundo diz que: “Cará morreu no último treinamento, outras pessoas morreram... estão morrendo, aqui e em outros lugares” (HATOUM, 2005, p. 149).

Quando Mundo diz que outras pessoas morreram e estão morrendo em outros lugares, dá a entender que estas mortes tinham uma razão, estendendo-se muito além da falta de preparo físico para as atividades desenvolvidas. O que fica subtendido é que havia razões mais fortes além daquelas aparentes. Talvez, essas pessoas fossem mortas por não acatarem as ordens arbitrárias dos oficiais.

Além da violência estatal e escolar presentes no enredo, acrescenta-se ainda a violência familiar vivida por Mundo desde sua infância, uma vez que o pai o castiga aprisionando-o no porão. Apesar da tenra idade, Mundo não se conformava com as regras que motivavam o pai a agir como um carrasco, pois, para ele, era desesperador ser obrigado a permanecer trancado em um lugar escuro. Esse tipo de situação acabou por despertar o artista que, mais tarde, ele se tornaria: “Quando tinha cinco anos fez um desenho de uma criança gritando” (HATOUM, 2005, p. 252). Esse desenho fora construído a partir da absorção do sofrimento psicológico e emocional que ele enfrentava e enfatiza a aversão pela figura carrancuda e autoritária do pai. O desenho do rosto da criança gritando confirma a sua condição emocional:

> Perguntavas a tua mãe por que tudo era tão escuro e porque agora só escutavas o barulho da chuva e das trovoadas e por que tinhas que comer sozinho e só podias sair à noite para ir dormir no quarto, e ela, tua mãe, não sabia o que dizer. [...] e um dia tu desenhaste o rosto de uma criança gritando (HATOUM, 2005, p. 252).

É admissível que, metaforicamente, o pai seja a representação da força política em exercício por ocasião da construção da narrativa. É aceitável, também, que o castigo no porão escuro, as proibições de Mundo se relacionar com os meninos mais pobres, as determinações das regras a serem obedecidas por ele e, até, a não aceitação do seu talento artístico, sejam representações metafóricas das medidas tomadas pelo regime militar.

Em contrapartida, a rebeldia de Mundo e sua maneira de enfrentar os ditames do pai podem ser vistos como a representação do desejo do filho pela liberdade de expressão. Acontece, porém, que os ideais de liberdade e de justiça social, que são direitos de qualquer cidadão, eram frequentemente anulados pelo regime governamental em vigência. Se, por um lado, o pai vê no filho alguém que contraria o seu desejo de continuidade, Mundo vê no pai aquele que cerceia a sua própria realização. A afirmação de Roger Dadoum está adequada a cada um deles “é a partir do outro que ameaças, agressões, hostilidades e duros golpes nos atingem, fundamentando-se em nós” (DADOUN, 1998 *apud* GOMES, 2007).

A violência ocasionada pelo pai se manifesta fisicamente em algumas ocasiões, mas é psicologicamente que Mundo sofre as maiores torturas. Já adulto, mas ainda atormentado pelos traumas de seu passado, o artista evidencia, por intermédio de sua arte, o desagrado pelas atitudes do pai, a crítica à ideologia política e o repúdio às desigualdades sociais. Segundo Freud (1976), uma das formas do homem dividir ou amenizar seus medos e transtornos se dá na tentativa de se afastar ou expurgar aquilo que o perturba. Mundo, desde muito cedo até a idade adulta, encontra na arte seu refúgio, seu meio de defesa. Ele tenta se livrar do mal-estar que o domina, transferindo para a tela todos os seus medos e frustrações.

A junção da violência opressiva e emocional centralizada na imagem do pai e a violência histórica representada pelo poder estatal são as duas figuras que o inquietam e o revoltam, resultando em seu modo revolucionário de ser. O autoritarismo paterno se reflete no poder militar em vigor, pois há, também, ilustrações em que se destaca a imagem de um general e seus assistentes. Através dessas ilustrações, Mundo dá vazão a um sentimento de indignação e rebeldia representadas nos corpos grotescos e degenerados mostrados na referida obra de arte:

> [...] destacava-se o desenho do semblante carrancudo do marechal-presidente: a cabeça rombuda, espinhenta e pré-histórica de um quelônio, o corpo baixote e fardado envolto numa carapaça. Ao redor das patas, uma horda de filhotes de feições grotescas; o maior deles, Bombom de Aço, segurava uma vara e ostentava na testa o emblema do Pedro II [...]. (HATOUM, 2005, p. 16).

O semblante carrancudo do marechal-presidente que Mundo desenhou pode-se deduzir que seja do marechal Humberto de Alencar Castello Branco, o então presidente do Brasil. As caricaturas e corpos deformados na representação de Mundo são os efeitos da pressão suportada pela conduta do pai e de outros representantes do poder patriarcal, presentes na imagem carrancuda e grosseira do marechal, sobretudo a cabeça com uma dimensão desproporcional ao corpo.

Além das caricaturas, Mundo utiliza a pintura através da qual cria elementos que contrariam a tudo o que representa o pai, ou aquilo que defende. Mundo desafia a autoridade do coronel Aquiles Zanda e dos demais militares, ao se manifestar contra a criação do bairro Novo Eldorado, "[...] e se me perseguirem? Se eu for preso? Vão me dar porrada, me matar? Dane-se! " (HATOUM, 2005, p. 149). Para essa manifestação, ele fez um esboço: "Mundo tirou o papel do bolso e mostrou o desenho: queria espetar uma cruz de madeira diante de cada casinha do Novo Eldorado; ao todo, oitenta cruzes. Depois ia pendurar trapos pretos nos galhos da seringueira no meio do descampado... " A ideia é queimar o tronco da arvore" acrescentou."

(HATOUM, 2005, p. 147-148). A este desenho e ao projeto da manifestação, Mundo chamou *Campo de Cruzes*.

Com a ajuda de Ranulfo, Mundo convenceu os moradores do bairro a participarem da manifestação. Depois de tudo organizado, Ranulfo trepou num galho da seringueira, falou algumas palavras, e então, todos juntos queimaram a árvore e as cruzes. Na mesma tarde da manifestação a polícia destruiu o *Campo de Cruzes*, tornando o lugar em um monte de cinzas e ruínas. No jornal o título e subtítulo da reportagem, diziam: "*Campo de Cruzes* – Filho de magnata inaugura 'obra de arte' macabra." (HATOUM, 2005, p. 177). No mesmo dia Jano toma conhecimento da manifestação do filho, recebendo também a informação de que Mundo havia enganado a diretoria do colégio militar. Fica sabendo de sua insubordinação aos militares e a forma como Mundo se comportava diante das atrocidades cometidas por eles.

O desfecho deste incidente trouxe consequências drásticas. Jano, que já se encontrava doente, fica ainda pior ao receber todas as notícias relacionadas ao filho. Somado a tudo isso ainda tem que lidar com a quebra dos negócios que estavam se desestruturando. Decepcionado pelas atitudes do filho, em desespero, Jano recolhe todos os objetos de Mundo, seus pertences suas obras de arte, livros e etc. leva para o quintal e manda queimar, transformando tudo o que Mundo mais ama em cinzas (daí o título do romance). Mundo e Ranulfo passam mais de um mês escondidos, até serem encontrados por capangas de Jano. Estes dão uma forte surra em Ranulfo deixando-o hospitalizado. Mundo vai para casa e tem um confronto com o pai, resultando na morte deste por enfarte.

O comportamento de Mundo e suas manifestações artísticas atraem perseguição política e, logo após a morte de Jano, Mundo e a mãe se mudam para o Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, Mundo viaja para a Europa, onde permanece até 1978. Em suas cartas a Lavo, muitas vezes ele relata as dificuldades financeiras a que se submete, tendo que sobreviver da venda de seus quadros e de trabalhos temporários. Pouco tempo depois Mundo volta para o Brasil vindo a falecer de uma doença misteriosa. O tipo de doença não é diagnosticado, sendo dito apenas "que Mundo morreu de doença feia" (HATOUM, 2005, p.274). Ranulfo, que o visitou no Rio de Janeiro diz que ele morreu "Magro de dar dó, pouco mais que um esqueleto (HATOUM, 2005, p.267) ". E ainda, "Mundo morreu seco, sozinho... Nos últimos dias não me deixaram entrar no quarto da clínica (HATOUM, 2005, p. 268) ".

O tempo que Mundo passou na Europa pode ser interpretado como exílio, devido suas manifestações contraditórias ao sistema político em exercício. O exílio era uma das maneiras do regime militar evitar que os opositores se manifestassem. Mundo não recebeu castigo pior, no caso a morte, devido às relações que Jano mantinha com os oficiais militares. Isso Aquiles

Zanda deixa claro para Jano, “teu filho é um atrevido [...] um dia a gente dá um susto nele[...] (HATOUM, 2005, p. 183) ”. As circunstâncias opressivas pelas quais Mundo passou e as dificuldades financeiras enfrentadas na Europa o tornam debilitado fisicamente e, assim, suscetível à doença que o leva à morte.

É possível que Mundo tenha sido uma das vítimas da AIDS, síndrome que acabava de se tornar conhecida pela medicina, visto que sua morte ocorreu no ano de 1978, período em que ocorriam os primeiros casos da doença. Os primeiros registros da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, (Acquiered Immune Deficiency Syndrome), causada pelo vírus HIV (abreviatura, também em inglês, para vírus da imunodeficiência humana), ocorreram nos anos de 1977 e 1978, na África, Haiti e Estados Unidos. Segundo dados publicados no Jornal “O Tempo – MG”, no Brasil ocorreram em 1980:

> Os primeiros casos de Aids no Brasil surgiram em 1980. Ninguém sabia direito que doença era aquela, mas desde 1977, 1978, notícias tristes chegavam dos Estados Unidos sobre um câncer que estaria atacando o sistema imunológico das pessoas, fazendo com que doenças geralmente fracas o suficiente para serem combatidas pelo próprio organismo se tornassem problemas letais (10 de março/2007).

Em todas as produções artísticas de Mundo, encontra-se refletida a luta que ele travou contra quaisquer tipos de autoritarismo. No entanto é na última sequência das pinturas que o trabalho do artista atinge o auge. Nesta obra, ele demonstra toda a revolta que o dominou, transportando para as telas todos os seus ressentimentos. Essa produção artística é constituída por um conjunto de sete telas, ao qual dá o título de “*A História de uma decomposição - memória de um filho querido”* (HATOUM, 2005, p. 293). O conjunto é descrito por Lavo da seguinte forma:

> Na primeira pintura uma figura masculina aparece de corpo inteiro, olhos cinzentos no rosto severo, ainda jovem, terno escuro e gravata da cor dos olhos, as mãos segurando um filhote de cachorro, e, ao fundo, o casarão da Vila Amazônica, com índios, caboclos e japoneses trabalhando na beira do rio. Mundo, no meio dos trabalhadores, olha para eles e desenha. Nas quatro telas seguintes as figuras e a paisagem vão se modificando, o homem e o animal se deformando, envelhecendo, adquirindo traços estranhos e formas grotescas, até a pintura desaparecer. As duas últimas telas, de fundo escuro, eram antes objetos: numa, pregados no suporte de madeira, os farrapos da roupa usada pelo homem no primeiro quadro, que havia sido rasgada, cortada e picotada; na última, o par de sapatos pretos cravados com pregos que ocupavam toda tela, os sapatos lado a lado, mas voltados para direções opostas, e uma frase escrita à mão num papel branco fixado no canto interior esquerdo: *História de uma decomposição – Memórias de um filho querido* (HATOUM, 2005, p.292-293).

Neste conjunto de telas pintadas por Mundo, pouco antes de sua morte, é manifestada toda a trajetória da figura paterna representada por Trajano Mattoso. Metaforicamente, essa figura representa o poder governamental por meio do regime militar. O aspecto imponente do empresário que vai se modificando conforme demonstrada na pintura, pode ser interpretado como a decadência do período ditatorial. As imagens vão entrando em decomposição e se distanciando cada vez mais até se tornarem apenas vultos incompreensíveis, reafirmando a derrocada daquele período conturbado. Na última tela o que resta são apenas os farrapos das roupas imponentes de Trajano que foram rasgadas e estraçalhadas pelo artista, e, ali colocadas como memorial a fim de manifestar o final trágico do autoritarismo patriarcal. Os farrapos das roupas como memória representam além do fim do regime autoritário, os impactos causados no país, tanto ambientais quanto sociais que permanecem como memórias de um período opressor vivido pelo Brasil.

6 CONCLUSÕES

O romance *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum, é uma obra fictícia e também uma representação histórica da realidade escrita a partir de memórias e relatos das personagens, visto que às vezes, a ficção fala de verdades que a realidade não expõe. Os episódios e conflitos relatados encontram apoio no contexto histórico no qual o país se encontrava envolvido. Nesta história, os dramas familiares, o anseio pela realização dos sonhos pessoais, a luta pela liberdade de expressão e o fim das desigualdades sociais, acabam em ruína.

Mundo, um jovem rebelde, abomina o autoritarismo do pai. Desiludido com a sociedade e com o poder político, o rapaz luta pela democracia e pela liberdade. Ele tenta encontrar na arte a fuga para suas desilusões. "A grande decepção é com o Brasil, com a injustiça social que tanto direita como esquerda só fingem que combatem [...] É o Brasil que Mundo vê, ao norte de Manaus, onde a floresta foi devastada para dar lugar ao Novo Eldorado [...]" (CRISTO, 2007, p. 359). Sua arte revolucionária o impele para o mundo. Embora herdeiro de rica fortuna, sofre privações e necessidades, tudo por causa de sua revolta, "ou a obediência estúpida ou a revolta", diz ele. Vítima da liberdade por ele tão sonhada, sua existência se sintetiza em desencanto, fracasso e miséria. Morre abatido por uma doença desconhecida, possivelmente AIDS.

Em meio ao cenário acima retratado, encontra-se Lavo, que se limita a observar a realidade que está a sua volta. Lavo não era adepto a nenhuma ideologia, gostava mesmo era de estar sempre muito próximo de Mundo e Ranulfo. Auxiliando-os sempre que se metiam em alguma enrascada, ele tinha seu próprio sistema de ideias e não se deixava influenciar. Embora não tivesse nenhuma ambição ou sonhos, Lavo concluiu a faculdade de Direito tornando-se advogado. Procurou, assim, fazer sua parte, advogando "detentos miseráveis esquecidos no cárcere" (HATOUM, 2005, p.285). Ao final da narrativa, tornou-se escritor para registrar a história de Mundo e de sua vida à deriva, na qual se lançou sem medo.

"Há inúmeras maneiras de contar uma história, a escolha desses modos dependerá dos valores a transmitir e dos efeitos que se busca desencadear" (LEITE, 1987, p. 17). À vista disso, o modo como Hatoum conta sua história em *Cinzas do Norte*, apontam valores de ordem familiar, política e social. Os acontecimentos são devidamente assentados de maneira que os elementos da ficção se entrelaçam com fatos históricos complementando-se.

O grande filósofo Aristóteles afirmava que: "Toda tragédia tem um enredo e um desfecho, fatos passados fora da peça e alguns ocorridos dentro constituem de ordinário o enredo, o

restante é o desfecho. ” (ARISTÓTELES, 1960, p.38). Tal afirmação reforça a relação constituída entre o título, enredo e desfecho de *Cinzas do Norte*.

O título do romance é uma metáfora do desfecho de suas personagens no norte do Brasil, na cidade de Manaus. Desfechos diferentes, que não podem ser rotulados como felizes. Pois, como vimos, a morte trágica de Jano ceifa de maneira drástica todos os seus projetos e ambições. Mundo teve sua manifestação e sua arte queimadas e desfeitas em cinzas, e no final morre vítima de uma doença desconhecida. Assim, os ideais nos quais essas duas personagens acreditavam e baseavam seus estilos de vida no norte presente em *Cinzas do Norte*, se acabam em cinzas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Paula, et al. **Ditadura militar e democracia no Brasil:** história, imagem e testemunho. 1. ed. - Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

ARISTÓTELES. **Poética de Aristóteles.** ed. *Hardy*. Paris : *Les Belles Lettres*, 1952.

ATAÍDE, Vicente de Paula. **A narrativa de Ficção**. 3. ed. São Paulo : McGraw-Hill do Brasil, 1974.

BLOGOS FERA. **A Narrativa da Queda em Cinzas do Norte de Milton Hatoum.** Disponível em: <http://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2015/11/06/anarrativadaquedaemcinzasdonortedemiltonhatoun.> Acesso em 20/05/2017.

BLOG GLOBO UNIVERSIDADE. **Entrevista: Milton Hatoum fala sobre a importância das universidades.** Disponível em: < Http://redeglobo.com/Globouniversidade/noticia /2012/06/entrevista-milton-hatoum-fala-sobre-importancia-das-universidades.html. > Acesso em 05/06/2018.

BLOG GRUPO COMPANHIA DAS LETRAS. **A noite de espera.** Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13387. > Acesso em 13/06/2018.

BLOG MILTON HATOUM – **Biografia**. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/ biografia/a-historia-do-autor. > Acesso em: 07.06.2018.

BLOG TAG. **Premiado escritor brasileiro Milton Hatoum é o próximo curador.** Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/premiado-escritor-brasileiro-milton-hatoum-e-o-proximo-curador-da-tag/ > Acesso em: 13/06/2018.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas**.** 3. ed. Maringá : Eduem, 2009.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. **ARQUITETURA DA MEMÓRIA:** Ensaios sobre os romances *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Manaus: editora da Universidade Federal Amazonas/UNINORTE, 2007.

DADOUN, Roger. **A Violência:** Ensaio acerca do "Homo Violens". Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

ENGRÁCIO, Arthur. **Poetas e Prosadores Contemporâneos do Amazonas**. Manaus : UA,1994.

FARIAS, Elaíze. **Herança da ditadura militar no país, ainda permanece na Amazônia.** Amazônia Real, Manaus, 31/03/2014. Disponível em <http://amazoniareal.com.br>amazonia acesso em 14/11/2017.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. *Teoria Literária*: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.

FREUD, Sigmund. "**O Mal-Estar na Civilização"** (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção:** o desenvolvimento de um conceito crítico**.** Revista USP. São Paulo, n 53, p. 162 – 182, março / maio 2002.

FLORIOS, Daia. **Comissão da Verdade:** A ditadura militar incidiu também sobre os povos indígenas. Greenme, 02/10/2014. Disponível em <https://www.greenme.com.br> acesso em 14/11/2017.

GABRECHT, Ana, et al. **Ditaduras não são eternas:** memórias da resistência ao golpe de 1964, no Espírito Santo / textos de Ana - Vitória: Flor&Cultura: Assembléia Legislativa do Estado do Espírito Santo, 2005.

GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa.** Lisboa: Vega, 1972

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil**. 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

GOMES, Gínia Maria. A Manaus de Milton Hatoum em *Cinzas do Norte*. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas – Dossiê:** A cidade no romance, PPG-LET-UFRGS- Porto Alegre -Vol. 03 N. 01 - jan. /Jun. 2007/ Acesso: 15/01/2017.

HANANIA, Aida Ramezá. **Entrevista – Milton Hatoum.** nov. 1993. Disponível em: <http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm#_ftn1> Acesso em 06 de jun. de 2018.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HISTÓRIA – Resumos. **Atos Institucionais do Brasil: Ai-1, Ai-2, Ai-3 e Ai-4 (Resumo)**. Disponível em: <http://www.historiaresumos.com/atos-institucionais-ai-1-ai-2-ai-3-ai-4/.> Acesso em: 07.06.2018.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco Narrativo.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Introdução à História dos Partidos Políticos no Brasil**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1999.

RESENDE, Marilia Ruíz. **A constituição de 1988**. Disponível em: Politize, 14 de fevereiro de 2017. <www.politize.com.br/constituiçãode1988> Acesso em: 21.06.18

SODRÉ, Nelson Werneck. **Vida e Morte na Ditadura**. São Paulo, 1985.WELTER, Juliana. **Autópsia De Um Passado: Uma Leitura De Cinzas Do Norte (2005), De Milton Hatoum.**

WELTER, Juliana. **Autópsia de um Passado: Uma leitura de Cinzas Do Norte (2005), de Milton Hatoum.** Cadernos do IL. Porto Alegre, n.º 41, dezembro de 2010.